

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Filosofia

2º. Semestre Letivo / 2021

Curso: Estética e filosofia da arte

Professor André Luis Muniz Garcia / andreimg@unb.br



A forma literária da mentira: reflexões sobre Homero, Platão e Luciano de Samósata

Tema:

É conhecida a afirmação de Sócrates no livro X da *República* de Platão segundo a qual “há uma antiga querela entre poesia e filosofia” (607b). O motivo dessa disputa é também bastante famoso: ao pensar a educação do guardião da *pólis*, no livro II, Sócrates acusa os poetas de serem “mentirosos”, portanto, incapazes de produção e comunicação do saber verdadeiro. Platão fez do tema da “mentira poética” um frutífero campo de investigação, e se ele foi relegado, ao longo do tempo, ao esquecimento, isso se deve mais ao platonismo do que a Platão (pois Platão e platonismo são coisas bem distintas). Mentira não vale apenas como contraconceito ao conceito de verdade, mentir é antes de tudo um *procedimento artístico* na tradição poética (desde, pelo menos, a épica homérica) e precisa ser entendida como tal. Nessa linha, o presente curso pretende interpretar a “mentira” (*psêudos*) como um modo de proceder poético da prosa (ou narrativa) antiga. O vínculo entre mentira e prosa literária abrirá as portas para uma discussão pertinente ao presente curso, qual seja, o da *ficcionalidade* inerente à escrita que se assume “mentirosa”. Considerada de um ponto de vista estético, a mentira (ou o fictício) é um modo de proceder da imaginação poética que revela a potência da linguagem para liberar o significante de seu sentido denotativo, descritivo ou referencial. E isso quer dizer o seguinte: contrariar a suposta identidade entre discurso (escrita) e verdade! É nesse contexto que poder-se-ia sustentar uma interpretação do *psêudos*, da mentira, como trabalho da imaginação poética para criar uma *forma livre* de narrativa, justamente, a prosa ficcional. Platão será certamente o ponto de inflexão do presente curso, mas também serão analisadas obras que o antecederam (como é o caso de Homero) e que o sucederam (como no caso de Luciano de Samósata, importante autor do século II d.C., que refletiu sobre as posições de Homero e Platão acerca da mentira como forma literária).

Objetivos:

Essa disciplina pretende explorar as origens do debate em torno da mentira poética a partir de Homero, principalmente na *Odisseia*, nos livros que narram a visita de Odisseu à corte dos feácios (cantos VI-XII) até sua chegada a Ítaca (canto XIV). Isso será feito, para então se contextualizar o uso da mentira nas narrativas de Odisseu, seu sentido e função estética no poema. Em seguida, iremos analisar trechos dos livros II e III d’*A república* de Platão. Esses trechos ficaram conhecidos por apresentarem forte censura de Sócrates à poesia, mais precisamente, a Homero e a seus principais seguidores (Hesíodo e os tragediógrafos). Boa parte da tradição filosófica (leia-se: platonismo) focou o antagonismo entre poesia (discurso mentiroso) e filosofia (discurso verdadeiro), para vender a tese de que Sócrates representava um modo de pensar que superou os impasses causados pela narrativa que assume a mentira como fundamento do saber (no caso, a poesia). Para tanto, nosso curso assumirá um ponto de partida que rejeita a (para muitos evidente) identidade entre aquilo que fala Sócrates no diálogo e aquilo que caracteriza o que pensa Platão. Aquilo que diz respeito ao “conteúdo” do diálogo pode ser bem diferente daquilo que diz respeito à sua “forma”. Seguindo essa distinção, será proposta uma aproximação entre a prosa literária de Platão (o “diálogo”) e a tradição poética de Homero (as narrativas ficcionais de Odisseu), contrariando o que é defendido pelo platonismo. Essa aproximação entre a prosa de Platão e a poesia de Homero é, aliás, tema recorrente nos escritos de Luciano de Samósata. Luciano reconhece a necessidade de se pensar, partindo da tradição poética iniciada por Homero, um outro critério definidor do discurso que não a “verdade”. Em sua obra *Narrativas verdadeiras*, Luciano propõe uma reinterpretação da prosa antiga, defendendo a mentira como forma literária de um discurso que não pretende dizer *verdadeiramente* o que aconteceu ou o que poderia

ter acontecido, mas justamente um que narra o que jamais poderia ter acontecido ou existido, narra, portanto, *mentirosamente* ou *ficcionalmente*.

Avaliação:

Serão exigidos dois trabalhos ao longo do curso. O docente apresentará um tema e um roteiro com no mínimo 16 dias de antecedência da data de entrega. Mais informações no primeiro dia de aula.

Bibliografia

Primária:

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

PLATÃO. *A república*. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SAMÓATA, Luciano. *Narrativas verdadeiras*. Trad. Lucia Sano. Dissertação de Mestrado Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19012009-160813/publico/LUCIA_SANO.pdf

Bibliografia secundária será apresentada no primeiro dia de aula